

crises mencionadas por Robert Newcomb. Contudo, tal relevância manifestou-se igualmente na função que o objeto iberista pode exercer para a clarificação dos princípios que orientam os Estudos Ibéricos e que legitimam, assim, a sua pretensão em propor uma compreensão original da realidade linguística e cultural ibérica que vá além da que nos oferece o Hispanismo tradicional. Neste sentido, *Iberianism and crisis* revela-nos toda a sua importância ao, através de uma apresentação do pensamento ibérico e iberista nas suas diferentes expressões peninsulares, sublinhar a *mise en cause* das categorias tradicionais assentes em abordagens nacionais, com todas as delimitações que tais abordagens implicam.

Presente na segunda metade do século XIX ao ponto de aproximar as diferentes comunidades intelectuais peninsulares numa espécie de República das Letras ibérica, o iberismo marcou o pensamento de vários autores, afirmou a incongruência entre comunidades culturais e comunidades políticas, assim como a existência de diferentes expressões linguísticas e culturais em relação. Levantou também questões tão contemporâneas e europeias como o são a da construção de uma entidade política capaz de traduzir a diversidade cultural e nacional da comunidade que pretende representar, ou ainda a das relações centro-periferia e unidade-diversidade. O iberismo pode, finalmente, contribuir para a exploração da coexistência entre diferentes escalas – local, regio-

nal, nacional e europeia – nos processos de identificação. O movimento iberista é um objeto de estudo longe de estar esgotado. Pelo contrário, oferece-nos muita matéria para reflexão nos Estudos Ibéricos e noutras disciplinas dos mais diversos campos, não fosse a Península Ibérica, espaço onde coexistem diferentes comunidades culturais e linguísticas que partilham uma história comum, uma expressão em ponto pequeno dessa outra Península que é a Europa.

David Duarte

<https://orcid.org/0000-0002-8868-275X>

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_11\\_26](https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_26)

#### LA MIRADA IBÉRICA A TRAVÉS DE LOS GÉNEROS LITERARIOS

ANTONIO RIVERO MACHINA, GUADALUPE NIETO CABALLERO, ISMAEL LÓPEZ MARTÍN Y ALBERTO ESCALANTE VARONA (EDS).

Berlin: Peter Lang, 2019

97 páginas. ISBN 9783631777626

O livro aqui em análise, *La mirada ibérica a través de los géneros literarios*, parte de uma seleção de textos apresentados ao II Congreso Internacional de Investigación y Crítica sobre Literatura Española (2018), organizado pela *Asociación de Investigación y Crítica sobre Literatura Española* (ASICLE), da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade da Extremadura, Cáceres. Esta coletânea de textos sucede a *Nuevas perspectivas y aproximaciones sobre la crítica de la literatura en español* (2018),

publicado pelos mesmos editores, e que visa dar sequência à profícua atividade da recém-criada ASICLE que, desde a sua formação em 2016, tem promovido o estudo da literatura espanhola numa perspetiva internacional.

Em nota preliminar, os editores salientam o estranho fenómeno de afastamento e hostilidade que sempre marcou a relação entre as duas nações ibéricas, cabendo à literatura quebrar a barreira da indiferença e do desconhecimento mútuo que prevaleceu ao longo dos séculos, convertendo o “extrañamiento” (7) em aproximação e diálogo. E é precisamente esse diálogo intercultural que este grupo de investigadores espanhóis, com filiação académica em diversas universidades europeias, pretende aqui perscrutar, o de “ahondar en el conocimiento de la literatura hispánica a partir de las relaciones con su entorno” (7), tomando como ponto de partida os diferentes géneros cultivados num período da historiografia literária que medeia entre a Idade de Ouro e a atualidade.

Formando uma “recopilación diversa pero homogénea en su hilo común” (7), os sete ensaios, que compõem este volume, seguem uma ordenação cronológica necessária à compreensão, quer do problema ibérico, transversal a todos os textos, quer da evolução dos géneros literários na Península Ibérica, privilegiando o enquadramento histórico-cultural do fenómeno literário, em articulação com questões de fronteira, de contacto e de interferência entre os

dois sistemas literários dominantes na Península Ibérica, o português e o espanhol. Deste modo, neste estudo aprofundam-se diferentes perspetivas da “cuestión hispano-lusa en la literatura” (7), como a imagem, receção e influência, as políticas culturais e dinâmicas de tradução literária, o papel dos mediadores culturais, questões de identidade cultural associadas, nomeadamente, à recuperação de mitos e lendas nacionais e a, sempre recorrente, questão ibérica.

No primeiro ensaio, “El drama barroco hispanoluso en la construcción de identidades”, Ismael López Martín atenta na relevância do teatro barroco no século XVII, num período candente da história peninsular, entre o domínio filipino e a Restauração portuguesa. É neste contexto histórico-social, extensamente analisado pelo autor (16-17), que se publicam, entre 1635 e 1658, cinco comédias teatrais, na sua maioria bilingues, da autoria de Calderón de la Barca, Manuel Coelho Rebelo, Manuel de Almeida Pinto e Jerónimo de Cáncer, sendo este último, autor de dois dos textos em estudo. Atendendo a este corpus substancial, alinhado sob o denominador comum do iberismo literário dominante na época, López Martín procura clarificar, num exercício de intertextualidade, como através da tragicomédia e do entremez se expressa não só a identidade nacional, com os seus costumes e tradições (12), mas também a resistência popular, favorável à criação de estereótipos que traduzem

o problema da alteridade entre os dois povos ibéricos, nos seus encontros e desencontros.

Por sua vez, Alberto Escalante Varona demonstra em “La recepción de Fernán González en la narrativa romántica española y portuguesa: aproximación a *O conde soberano de Castilla*, de Oliveira Marreca”, como a revisitação de Fernán González, figura lendária da tradição histórico-literária castelhana, perdurou ao longo dos tempos como elemento identitário agregador, cultivado em diferentes géneros, das gestas medievais ao drama romântico oitocentista, em consonância com as circunstâncias históricas e as tendências estéticas em vigor. A lenda cruzou fronteiras, com repercussões em Inglaterra e Portugal, e é, justamente, sobre a sua presença no sistema literário português que este estudo se centra, sobretudo, no romance de folhetim *O Conde soberano de Castela* publicado, entre 1844 e 1853, no semanário lisboeta *O Panorama*. Esta obra, que se inscreve na tradição do romance histórico espanhol e europeu, procura obedecer ao gosto romântico da época, retomando elementos tradicionais, convertendo o culto do medievo, o nacionalismo, a aventura e o heroísmo em matéria literária.

No ensaio seguinte, “La poesía portuguesa en las revistas del modernismo español”, Miguel Ángel Feria ocupa-se da receção da poesia finisecular portuguesa nas revistas do Modernismo espanhol, num período

particularmente profícuo das relações culturais Peninsulares. Procedendo a uma análise detalhada sobre os marcos de referência cronológicos e estéticos dos Modernismos português e espanhol (36-37), o autor discorre sobre a receção discreta dos poetas parnasianos João Penha, António Feijó, Gonçalves Crespo, Cesário Verde e, sobretudo, Gomes Leal, autor profusamente traduzido em Espanha (41), e do efusivo acolhimento no país vizinho dos poetas simbolistas Eugénio de Castro e António Nobre, graças à ação mediadora de escritores, críticos e tradutores espanhóis e hispano-americanos da craveira de Gómez Carrillo, Ruben Darío, Francisco Villaespesa ou Díez-Canedo.

Em “La revista *Vértice* y la recepción de la joven poesía española en Portugal durante el Mediosiglo”, Antonio Rivero Machina centra o seu estudo na colaboração espanhola na revista coimbrese que, desde a sua criação em 1942, aposta no género poético e se afirma como tribuna do neorealismo português e órgão de resistência anti-salazarista. Com uma vocação transnacional, *Vértice* foi pioneira na aproximação luso-espanhola no pós-guerra civil, seja através da divulgação de autores consagrados, vítimas do franquismo, como García Lorca, Miguel Hernández, Rafael Alberti, Miguel de Unamuno e Antonio Machado, seja pela projecção do grupo poético espanhol que se afirma na década de 50, de onde despontam jovens promessas como Ângela

Figuera, Pilar Vázquez Cuesta, Vicente Aleixandre, Claudio Rodríguez, Carlos Álvarez, López Pacheco e Julián Marcos.

Em “El poeta, el cartógrafo: el paisaje poético de Carlos de Oliveira”, Antonio Alías incide sobre a influência da poesia e da arte espanholas em Carlos de Oliveira, começando, no entanto, por referir o papel decisivo da revista *A Phala* (1988), editada pela Assírio & Alvim, na divulgação de novos valores literários e na afirmação do género poético como expressão vital da cultura portuguesa do século XX. Como projeto de “resistência cultural” (63) face à hegemonia pessoana no universo editorial português, a revista promove escritores emergentes da cena literária nacional, como sucede com Carlos de Oliveira. Antonio Alías analisa este caso paradigmático que, escapando à “síndrome Pessoa” (64), passa a merecer a atenção do mercado editorial Peninsular, com a edição e tradução da sua obra poética e narrativa mais representativa, a cargo de Ángel Campos Pámpano. Outro tema central deste estudo prende-se com a relevância do processo mimético de reescrita em Carlos de Oliveira, sobretudo, em *Entre Duas Memórias* (1971), onde o autor transcende as suas fronteiras culturais para representar, num exercício cartográfico de rememoração de espaços, lugares e tempos, a paisagem poética dos *Campos de Sória* de Antonio Machado e o imaginário trágico de *Guernica* de Pablo Picasso.

Já o contributo de Mónica Fuentes del Río “La influencia de Portugal y su literatura en la obra de Carmen Martín Gaité” recai sobre a ascendência das culturas portuguesa e galega na vida e obra da multifacetada escritora espanhola. Fuentes del Río observa a profunda consciência ibérica da autora salmantina e a especial presença na sua “geografia narrativa” (74) do imaginário popular galego, sobretudo, a representação do maravilhoso e do fantástico que se soma à sensibilidade lírica da cultura portuguesa, fazendo notar a Saudade como traço identitário comum. A autora destaca, ainda, a atividade de Martín Gaité, como tradutora de alguns dos mais emblemáticos escritores portugueses, e como crítica literária, atendendo, sobretudo, aos ensaios teóricos dedicados a Eça de Queirós, Agustina Bessa Luís e Emilia Pardo Bazán, a quem toma como referências na “arte de narrar” (75). Martín Gaité foi, de igual modo, sensível ao discurso epistolar de Mariana Alcoforado, à heteronímia pessoana, e à poesia de Rosalía de Castro e de Miguel Torga.

No ensaio que encerra este volume, Jesús Guzmán Mora projeta-se no século XXI com “La recepción de la novela negra española actual en Portugal: el ciclo de Arturo Andrade, de Ignacio del Valle”. O autor começa por notar que o romance policial, de enorme popularidade nas últimas décadas, superou a condição de subgénero para se afirmar como modalidade lite-

rária proeminente no mercado editorial atual, e destaca a natureza híbrida da coleção de Valle, entre o romance policial e o romance histórico. Tomando a tradução como barómetro da vitalidade do género, Guzmán Mora apresenta uma breve síntese da receção do romance policial na Península Ibérica (90-91), constatando a escassa presença de autores portugueses em Espanha e o facto inédito da tradução em língua portuguesa dos quatro volumes de Arturo Andrade. Por fim, o autor analisa diversas tipologias textuais como blogs, artigos de imprensa e entrevistas que dão conta da receção da saga de Ignacio del Valle em Portugal.

Assumindo como eixo condutor o estudo da imagem e representação no contexto das duas nacionalidades ibéricas, este livro segue na linha de outras publicações congêneres como *Imagologías Ibéricas: construyendo la imagen del otro peninsular* (2012), coordenado por María Jesús Fernández García e María Luísa Leal. No que respeita à abordagem a partir dos géneros literários, o volume em análise aproxima-se da ampla coletânea *A Comparative History of Literature in the Iberian Peninsula* (2016), volume II, editado por Fernando Cabo Aseguinolaza, Anxo Abuín González e César Domínguez, que inclui secções dedicadas à imagologia e aos géneros literários, procurando, todavia, um novo enquadramento epistemológico e metodológico, atendendo à diversidade multilinguística e multicultural da Península Ibérica, (re)posi-

cionando os estudos ibéricos no plano supranacional das Literaturas-Mundo.

Meritório a vários níveis, o volume em análise assume relevância no momento atual de vitalidade significativa dos estudos ibéricos. Nele sobressai a inovação no tratamento de temas, motivos e autores, num esforço nem sempre fácil de realizar, o de reconstruir cada detalhe da complexa rede interliterária de conexões, procurando traçar uma linha de continuidade entre os diferentes períodos, movimentos estéticos e géneros literários cultivados nos dois países ibéricos. A aprendizagem enriquecedora que os ensaios proporcionam, complementa-se com a cuidada seleção bibliográfica apresentada pelos sete investigadores que possibilita, sobretudo, ao leitor especializado, alargar horizontes, estabelecer novas conexões e, por ventura, seguir novas linhas de inquirição.

Parece-nos, contudo, que o volume sairia beneficiado com uma aproximação, a incluir na nota introdutória, à função dos géneros na construção e consolidação dos sistemas literários ibéricos, e da sua articulação com a dimensão histórica da literatura, rastreando os parâmetros cronológicos e os seus limites no quadro da periodização literária, enfatizando as circunstâncias históricas, culturais e sociais que motivam a vitalidade de um género numa determinada época, o modo de expressão e a sua finalidade estética.

Por outro lado, “La mirada ibérica”, na sua intrínseca relação de reciprocidade,

dade, obriga, invariavelmente, a um posicionamento teórico e crítico no âmbito da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais. Seria, nesse sentido, interessante um enquadramento dos textos apresentados à luz dos princípios teóricos da imagologia literária, perscrutando a dimensão estrangeira, articulando conceitos chave como identidade/ alteridade, na representação da imagem real, estereotipada ou simbólica do Outro; identificando as zonas de interferência inter-sistémicas que ao longo dos séculos foram decisivas na consolidação da identidade coletiva Ibérica. Do mesmo modo, a inclusão de um epílogo congregador enriqueceria o volume, permitindo a sistematização dos temas e tópicos desenvolvidos ao longo dos sete ensaios, traçando uma cartografia dos géneros literários na Península Ibérica, atendendo aos fenómenos de produção, permanência e circulação de textos bem como a sua função na construção dos sistemas literários ibéricos.

Dos ensaios coligidos sublinhamos alguns aspetos que consideramos relevantes, nomeadamente, as linhas de investigação que excedem os limites nacionais e geográficos peninsulares e se estendem aos espaços lusófono e hispânico. Nesse sentido, elegemos o contributo abrangente de Antonio Rivero Machina sobre o papel da revista *Vértice* no processo de divulgação da nova geração de autores peninsulares no período pós-guerra, atendendo, em especial, à imagem e influência da

literatura espanhola nos países africanos de expressão portuguesa, pela referência a um conjunto de poemas publicados na revista coimbrense pela mão do poeta moçambicano António de Navarro, dedicados a García Lorca (52). Também nesta linha se situa o ensaio de Miguel Ángel Feria com a menção à receção e influência de Eugénio de Castro nos poetas hispano-americanos (43) que, apesar de sumária, permite alargar o escopo deste estudo às relações transatlânticas, proeminentes no período literário em apreço. Destacamos também o ensaio de Mónica Fuentes, dedicado à receção e influência da literatura portuguesa em Carmen Martín Gaité que, no plano das relações culturais intra-ibéricas, estabelece uma interessante intercessão dos estudos espanhóis, portugueses e galegos. A realçar, de igual modo, tópicos referenciados no texto que se prendem quer com os estudos de género (crítica feminista e escrita feminina), quer com o iberismo de Martín Gaité, sendo possível, ainda, estabelecer pontos de contacto, por exemplo, com José Saramago.

Por último, assinalámos a reflexão crítica de Antonio Alías sobre as políticas culturais e as dinâmicas de poder que determinam as prioridades do mercado editorial no processo de publicação, tradução e circulação de obras literárias para além da sua cultura de origem que, por vezes, inviabilizam os “procesos de tránsito y recepción poéticos entre distintas literaturas” (64). Antonio

Alías constata que, apesar destas condicionantes, os “territórios literários” possuem uma cartografia própria que lhes permite, em muitos casos, superar as “arbitrariedades” nacionais, os “fetichismos” da produção cultural” e a “mercadotecnia” (64), facilitando a circulação de textos no contexto Peninsular. É também, quanto a nós, apreciável o “ejercicio comparatista” (71), levado a cabo pelo autor, na abordagem interdisciplinar ao estudo das peculiaridades poéticas de Carlos de Oliveira, captando aproximações intertextuais e interartes que põem em evidência as “referencias cruzadas” (66) e a “afinidad interartística” (71) que enriquecem e individualizam o processo de reescrita do autor. Estes apontamentos críticos superam a matriz ideológica dos estudos hispânicos nos seus moldes tradicionais, para incorporar novas representações conceptuais da Península Ibérica como sistema interliterário.

Atendendo ao exposto, a obra que aqui apresentámos é, no seu conjunto, um contributo válido para todos os que se interessam pelo campo académico dos estudos ibéricos, fazendo prova de que o enquadramento teórico das literaturas a partir do modelo nacional não está, afinal, esgotado, constituindo uma das abordagens à análise inter-sistémica das relações históricas, culturais e literárias Peninsulares.

*Susana Rocha Relvas*

<https://orcid.org/0000-0002-5526-8325>

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_11\\_27](https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_27)

**IBERIAN STUDIES: REFLECTIONS  
ACROSS BORDERS AND DISCIPLINES**

**NÚRIA CODINA SOLÀ Y TERESA**

**PINHEIRO (EDS.)**

**Berlín: Peter Lang (Col. Estudios Hispánicos En El Contexto Global, 8), 2019.**

**328 páginas. ISBN 9783631794357**

Sin duda, en los últimos años estamos asistiendo al auge de la disciplina que se conoce como *estudios ibéricos* o *Iberian Studies*, auge que se traduce en un interés renovado hacia este campo y en un crecimiento notable de los estudios centrados en las relaciones entre distintos ámbitos de la Península Ibérica. Si bien es cierto que los estudios ibéricos se han fijado de manera especial en la literatura como espacio de exploración, los trabajos de las últimas décadas (y especialmente de esta última) han apostado por la relevancia de las investigaciones en otros aspectos culturales, pero también en cuestiones de historia, política y sociología que definen la Península. Buena muestra de ello es el volumen que reseñamos: *Iberian Studies: Reflections Across Borders and Disciplines*, editado por Núria Codina y Teresa Pinheiro, y publicado en la editorial alemana Peter Lang.

A la hora de reflexionar sobre los estudios ibéricos y desgarnar las opciones que estos ofrecen, o, visto de otra manera, para conocer qué perspectivas convergen en los estudios ibéricos, Codina y Pinheiro abren su volumen con una extraordinaria y detallada introducción en la que se cuestionan el